

Casa de Cultura Ichud Habonim  
 SIFRIA — Central Pedagógica  
 N.º da Pasta: 21  
 Assunto: *Stenim*  
 N.º de Cópia: 1  
 A vimento Juvenil Habonim DAOR  
 Curitiba

## EDITORIAL

No momento em que toneladas de bombas são jogadas diariamente no Vietnã e Yemen.

No momento em que os focos da guerra fria tornam-se cada vez mais perigosos.

No momento em que milhares de homens morrem quase que diariamente em lutas desnecessárias.

No momento em que os industrialistas satisfeitos por tudo isso, pois suas indústrias armamentícias prosperam.

Neste momento nós precisamos gritar: PAZ

Até quando haverá destruições de casas, de cidades de vidas, somente por interesses político-econômicos?

A pergunta se desvanece e termina-se perdendo no ar. Mas nós não estamos perdidos nem podemos deixar que a propaganda militarista nos convença que é preferível a destruição do mundo do que deixar o mesmo ser dominado pelos comunistas.

Chaver, entregamos esta choveret para ti, não para que o deixes de lado, nem jogues numa gaveta. Se fosse para isto, todo nosso trabalho estaria sendo em vão. Esta choveret tem por finalidade conscientizar, pelo menos em parte, a ti, chaver da Tnua, dos perigos pelos quais passamos e das mentiras da imprensa vendida a os "nossos Vizinhos".

Criem nos snifim um ambiente de estudos sobre as possibilidades da paz no mundo moderno, baseados na choveret.

Muitos perguntarão de que servirá tudo isso? por acaso a guerra vai parar?

Assim como os profetas lutaram por aquilo que acharam certo, assim como homens da estirpe de um Bertrand Russel luta, assim devemos ser nós. Com modestia, sem sermos sonhadores, cada um seja como melhor lhe pareça. Uma só coisa deve servir de denominador comum entre nós: **PERSISTIR** no caminho que achamos certo.

ICHUD HABONIM - BRASIL

Machleket Itonut

# VISÕES DE PAZ

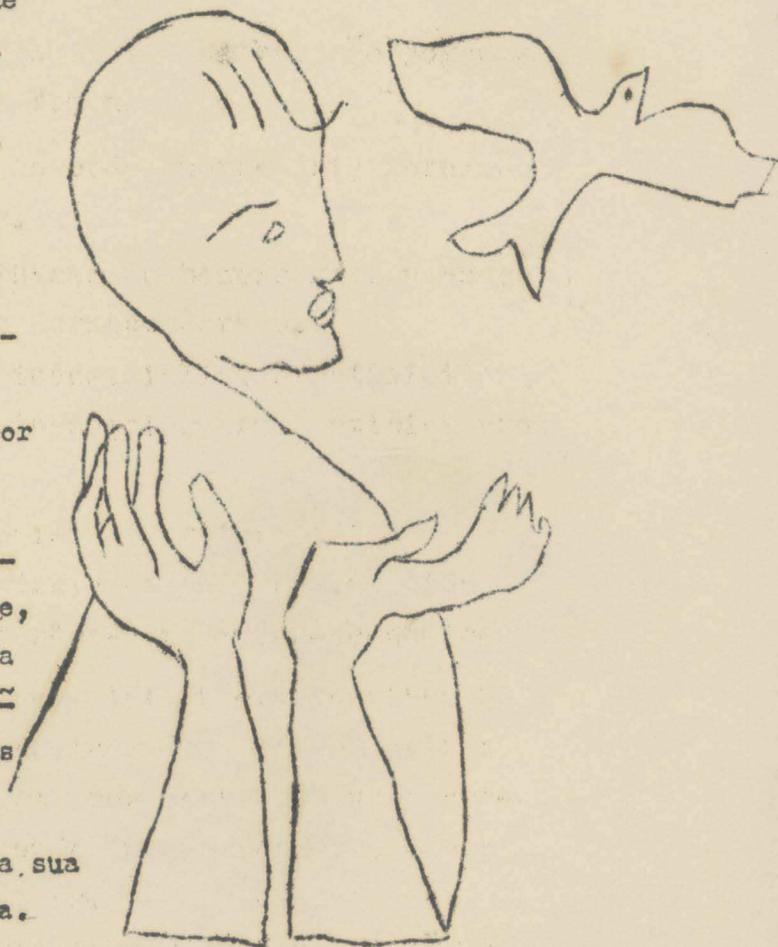
MIQUEIAS IV

MAS no último dos dias acontecerá que o monte da Casa do Senhor será esta beçecido no cume dos montes, e se ele vará sobre os outeiros, e concorrerão a eles os povos.

E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, para que nos ensine os seus caminhos, e nós andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalem.

E julgará entre muitos povos, e castigará poderosas nações até muito longe, e converterão as suas espadas em enxada e as suas lanças em foices, uma nação contra a outra não levantará a espada, nem aprenderão mais guerra!

Mas assentar-se-ão, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira.



A paz final vista pelo Profeta MIQUEIAS

ISAIAS CAP XI

E morrá o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho do leão e a ovelha andarão juntos, e um menino pequeno os guiará.

Não se fará mal nem dano algum em todo o monte de minha santidade, porque a terra se encherá de conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar

Visão de Isaias do Reino do Messias.

JEREMIAS CAP 33

Jerusalém me servirá por nome, por louvor e glória, entre todas as nações da terra, que ouvirem todo o bem que eu lhe faço; espantar-se-ão e tremerão por causa de todo o bem, e por causa de toda a paz que eu lhe dou.

Visão de Jeremias de uma Jerusalem Reedificada.



INDICE DA CIOVERET  
GUERRA E PAZ

EDITORIAL

VISÕES DE PAZ

A GUERRA - BENDIÇÃO OU MALDIÇÃO ?

FATOR DE MELHORAMENTO DA RAÇA ?

SIGNIFICAÇÃO DA GUERRA NUCLEAR

Necessidade do Desarmamento e da Paz

LIBERDADE OU MORTE - Bertrand Russel

CIENTISTAS E A BOMBA ATÔMICA - Linus Pauling

A GUERRA TERMO-NUCLEAR E A SOBREVIVENCIA HUMANA

OS VALORES DO OCCIDENTE E A GUERRA TOTAL

ANÁLISE SOBRE A GUERRA - ALDOUS HUXLEY

A análise sobre a Guerra.

A natureza da Guerra.



V. ITONUT; HANIAGÁ ARTISTA

1966.

A GUERRA - BENDIÇÃO OU MALDIÇÃO ?

" E volverão suas espadas em de arado e suas lanças em Não alcançaram espada povo contra povo, nem se essaiarão para a guerra." ( ISAIAS )

Na is de uma vez tem sido expressada a opinião , que a guerra por cruel que seja - é uma bênção ; devemos-lho o relativo progresso e adiantamento do gênero humano e sem ela haveríamos degenerado e sucumbido. Portanto, as ânsias de paz e harmonia entre as nações não teriam sentido nem propósito, e ad necessário resignar-se às sangrentas lutas como a uma lei irrevogável. É assim realmente ?

Antes de tudo assinalaremos que, a concepção de guerra como um fator que impede o estancamento, promove o progresso da sociedade, a ciência, etc., é fundamentalmente errônea; ao contrário, a guerra distrai a criação construtiva e desvia a maior parte da energia das nações combatentes ao assassinato e a aniquilação. Destroi valores culturais e meios de produção; obstaculizam o desenvolvimento social e cultural, visto que trata a liberdade do cidadão e sua liberdade de critério, acrescentam do império da ditadura e do despotismo - tanto por razões de defesa como de ataque e imposição da autoridade do vencedor sobre os vencidos que não são submissos em demasia .

É certamente muito comum a opinião que susten, que a guerra contribui direta ou indiretamente ao progresso da ciência, visto que seus dirigentes tiveram necessidades de inovações técnicas-militares. O professor John O'Neof desmente esta hipótese num livro exaustivo e bem documentado (War and Human Progress, by John O'Neof, Harvard University Press).

Também a fundição do bronze serviu a princípio para produção de campanas só mais tarde, nos séculos XIV e XV, começaram a empregá-lo para canhões. As pessoas que contentaram a exportação e fundição do ferro não tiveram a princípio objetivos destrutivos.

Entre Voltaire e Carlyle; entre Montesquieu e Rousseau, e Comte; quase todos afirmavam, que as guerras entre as nações não são lógicas, ou mais lógicas do que um duelo entre indivíduos.

Não é possível culpar a natureza humana, disse Voltaire: "Pelo visto, os seres humanos corromperam tanto a natureza, porque não nasceram lobos, mas se converteram em lobos?"

E Kant, que advogava pela "paz eterna", disse que apesar do "instinto perverso" que se radica no homem, este é capaz, graças ao progresso cultural, a fazer mais e mais em bem da maior perfeição moral e a existência pacífica,

Ao contrário do que alguns afirmam, que a guerra desenvolve e melhora o caráter, argumentou o escritor francês Benjamin Constant, contemporâneo de Napoleão, que o armamento moderno (canhões, etc.) fez a guerra completamente anti-natural em relação aos seres humanos.

A maioria dos soldados caem agora por casualidade, feridos por balas disparadas de longe; logo, não transcorrido os dias da emoção da luta cara a cara, e a guerra carece desta "glória" que a adornava anteriormente. Tal guerra já não tem raízes na natureza humana, e pode estalar só depois que um bárbaro estrangeiro (alusão a Napoleão), domina um povo culto e forte.

Andiantou que as guerras são vituperáveis, porque implicam a mobilização de jovens condenados a uma existência semi-bárbara justamente na idade em que pode se desenvolver um pensamento delicado, nobre.

Em verdade, com os novos tempos criaram circunstâncias que puderam justificar a esperança de melhores filhos da humanidade, que já não haverá mais necessidade de adotar medidas militares para determinar a sorte das nações. A grande energia da crescente população encontrou um apoio na conquista colonizadora e econômica do mundo, no tremendo desenvolvimento da ciência, a indústria e o comércio.

A influência das doutrinas humanitárias e político-sociais se deixou notar também nas relações entre os povos e os hábitos humanos. As guerras napoleônicas, fenômenos secundários da crise social e da degeneração da grande revolução foram na realidade uma espécie de "luta sangrenta" na prolongada época de relações pacíficas (ou relativamente pacíficas), que imperaram desde a paz de Utrecht (1713) até a primeira guerra mundial (1914).

Faz cerca de meio século que a humanidade retornou a uma época perigosa, na qual a tensão e a guerra sobrepõem a paz. Isto foi causado por várias razões: contradição entre socialismo e capitalismo, aspirações capitalistas do capital e do desejo de expansão do "mundo da revolução", a descrença em valores morais. Mas nenhum dos fatores é inevitável, podendo ser anulados ou corrigidos.

Por desgraça, apareceram a princípio do século XX pensadores, que seja por sua própria concepção depravada, ou pela influência dos fatos políticos, tentaram contrastar o trabalho cultural-moral dos filhos do século 19.

Volveram a encaminhar o culto da violência e a função da guerra como um fator benéfico e essencial para melhora "radical" e a perfeição moral do gênero humano. Estadistas e chefes militares se apoderaram destas falsas doutrinas como se se tratasse de um.

"A guerra constitui uma necessidade biológica imprescindível", escreveu o general alemão Von Bernardi, em vésperas da primeira guerra mundial, "visto que sem ela começará o desenvolvimento anormal, que impedirá todo progresso da espécie, assim como toda civilização verdadeira.... Sem a guerra, as raças inferiores ou atrofadas impedirão o crescimento de elementos sãos e florescentes, e uma degeneração geral se apoderará do mundo".

Um Polido exame na história demonstra, que as necessidades militares dos novos sistemas bélicos nos séculos XVI e XVII não constituíram um fator importante dos câmbios tecnológicos e da Revolução Industrial subsequente.

É digno notar que não só nas proximidades da Idade Média, senão também nos 150 a nos subsequentes a expedição de Colombo, o talento da invenção e técnica se evidenciou especialmente fora do âmbito das necessidades militares, e não o justamente em países complicados em lutas sangrentas. Os descobrimentos que causaram a Revolução Industrial - o funcionamento de caldeiras maiores e eficazes, a substituição da madeira pelo carvão para usos industriais, as máquinas a vapor, etc. - foram postas em ação primeira e essencialmente na Grã Bretanha, que morava tranquila afastada do Canal, e na qual geralmente imperavam relações pacíficas.

De qualquer jeito, a falta de uma revolução industrial nos séculos anteriores não foi causada, certamente por falta de guerras entre nações e países, principados e duques.

Os descobrimentos de Galileo, a máquina francesa e as invenções de Descartes, as inovações científicas de Kepler, Newton e outros, não teriam relação alguma com a guerra, ainda que mais tarde foram aproveitados seus trabalhos para finalidades bélicas. No caso extremo, a guerra foi um dos fatores do desenvolvimento científico e técnico, mesmo que tampouco dos mais importantes.

Esta premissa pode ser confirmada em nossa geração. A energia atômica não foi descoberta por estadistas e estrategistas, nem a investigação científica de Becquerel, Einstein, Rutherford, Curie e outros teve finalidade bélica, senão teórica e construtiva; só mais tarde foram explorados os resultados da ciência física para a produção de bombas atômicas e hidrogênicas, capazes de aniquilar o mundo.

Mas ainda, a atenção especial que se dedica agora às bombas mortíferas, impede o intercâmbio de informação entre os homens de ciência, obstaculiza o desenvolvimento da física e dificulta o emprego pacífico dos resultados das investigações. Por outro lado, não é depreciável o inenso desenvolvimento da ciência em outros campos, que transcendem às necessidades militares, como a biologia, a medicina, etc.

#### É A GUERRA UM FATOR DE ADIANTAMENTO ECONÔMICO ?

Não poucos homens de ciência advogaram pela guerra como fator de adiantamento econômico. Werner Sombart, um dos professores alemães que justificaram a política do imperador Guilherme II, preparando o terreno para as campanhas de Hitler assinalou os resultados positivos, construtivos, aparentemente causados pelo desenvolvimento militar.

Sombart afirma, que visto que os canhões se converteram em arma decisiva, e aumentou o número de pessoas ocupadas na preparação do armamento e o abastecimento das massas de mobilizados, cresceu a necessidade de controlar o capital e levantar gigantescas empresas nas indústrias, no comércio e nas operações financeiras.

Apesar da destruição que a guerra moderna acarretou de tanto em tanto, encheu uma função notável na ascensão do capitalismo nos séculos XVI, XVII e XVIII, visto que contribuiu direta e indiretamente ao fomento de empresas industriais; diretamente mediante a fundação de grandes fábricas de armamentos; indiretamente - porque as necessidades bélicas impulsionaram o desenvolvimento das minas, e os distintos ramos da indústria.

Mas Sombart não foi de todo exato. O desenvolvimento das minas, e as empresas industriais, haviam já começado antes da guerra, e não justamente em relação à guerra.

Grã-Bretanha encabeçou o adiantamento tecnológico nos pacíficos dias de Isabel e James I, extraíndo das minas carvão em abundância. Não foi a guerra a que causou a Revolução Industrial na Inglaterra, senão o asilamento do continente europeu banhado em sangue.

A tolerância e a paz imperante nas Ilhas Britânicas atraíam como um ímã. Os fabricantes de textil acudiram dos países onde reinava a opressão e as perseguições aos países Baixos e dali a Inglaterra. Tampouco se pode ignorar o crescimento do comércio marítimo e o desenvolvimento dos artilheiros nos séculos XVI e XVII.

"A bandeira segue o comerciante", disse Mahan, é dizer: a ampliação dos vínculos antecede a atividade da fronta guerreira. Tanto no mar como na terra, a paz - e não os preparativos para a guerra - é o que promove o desenvolvimento da indústria e do comércio.

Sombard alegava que, a guerra moderna, que exige a mobilização de grandes exércitos, acarretou a centralização do capital no comércio, a indústria e as finanças; mas a investigação histórica demonstra que, nos 500 anos de progresso da civilização ocidental, do século XI até o século XV inclusive, não existiu exército europeu algum que haja contado com mais de 20.000 soldados.

O exército de Henrique V, que ganhou o glorioso triunfo junto a Azincourt, (1414) contou com o total de 6.000 pessoas.

Mais do que as guerras aportaram o desenvolvimento econômico, trouxeram a destruição e a ruína. A Guerra dos Trinta Anos causou fome e exterminação, até a aniquilação de um terço de metade da população da Europa Central.

Devido a esta prolongada guerra foi detido o progresso da Alemanha durante muitos anos. Em muitas regiões, a gente viu-se obrigada a comer gatos e ratos, e as vezes aconteciam casos de canibalismo. A decadência da Espanha, outrora uma grande potência européia, foi causada pelas suas inúmeras guerras na Itália, América e nos Países Baixos;

A França subiu graças à ruína da Espanha, tal como a Grã-Bretanha ascendeu mais tarde graças à França, que empreendeu expedições e conquistas, quando os ingleses gozavam de sua situação geográfica do Canal e a prolongada paz nas suas ilhas.

#### FATOR DE MELHORAMENTO DA RAÇA?

Um dos fatores e fenômenos mais trágicos das últimas gerações é o renascimento da idéia, que a guerra pode refinar o gênero humano, melhorar o caráter das pessoas e enriquecer a experiência espiritual do povo, que não dorme sobre suas laurelas senão, sebe guerrear com ânimo.

Esta, certamente, não é uma concepção nova. Foi típica em épocas antigas, tal como a de Esparta e Roma. Assim mesmo prevaleceu no seio das tribos tautonas; a política nacional depois da Idade Média, e até os séculos XVI e XVII, baseava-se sobre a idéia de que o caminho principal ao acréscimo da riqueza de um povo, ou como disse Jaures: "Um patriotismo que não significa amor à terra, senão apetite a mais terra".

Mas no século XVI e XVII, especialmente com o desenvolvimento da produção industrial e o fenômeno agrícola, prevaleceu a convicção, que as oportunidades de ganhas nacionais são infinitamente superiores na atividade econômica-cultural dos dias de paz que nas aventuras dos dias de guerra.

Assim mesmo chegaram os pensadores à convicção, de que o militarismo não é imprescindível ao desenvolvimento da coragem e do arrojo.

Atenas aportou a cultura humana mais do que Esparta; os investigadores da Grécia, que exaltavam o heroísmo dos combatentes em Termópilas, e no Maratón, assinalaram que os gregos não consideravam a guerra senão com uma interrupção trágica da vida habitual.

Os grandes filósofos da Idade Moderna voltaram a propagar o ideal dos profetas e sábios da Antiguidade, que a paz é um mandado moral de primeira ordem, e profundizaram a fé no ideal "Dia Final", quando uma nação não levantará espada contra outra.

Neste sentido não havia grande diferença entre os precursores da grande Revolução Francesa, radicais ou liberais, e entre seus seus contrastes conservadores que também se contagiaram um tanto do espírito da nova época;

Mas a verdade é, que nas guerras caem os valerosos e sobrevivem os covardes; que causam pobreza, fome, e dano, que pervertem o gênero humano. E se estalar algum dia uma guerra atômica- não são de prever os catastróficas prejuizes que a radioatividades infligirá a situação física e espiritual da humanidade.

Há alguns que afirmam, que no passado as guerras ampliavam o circulo da cultura, transmitindo algo dos ricos valôres das nações adiantadas. Esta doutrina inventada pelas nações conquistadoras, é duvidosa, visto que não toma em conta a grande ruína sofrida pelas culturas antigas e ricas de outros povos vencidos.

Ainda se aceitarmos que as guerras de independência nacional e social são justificadas, é evidente que no futuro, na época atômica-química-bacterológica, será inconcebível uma guerra entre potências, cujas duvidosas vantagens que não sejam compensadas pela ruína e aniquilação da humanidade, se é que quer e existir.

### A SIGNIFICAÇÃO DA GUERRA NUCLEAR E A NECESSIDADE DO DESARMAMENTO E DA PAZ

Creio que se explodisse uma guerra nuclear na qual as armas existentes fôsem usadas, os Estados Unidos deixariam de existir e toda população americana morreria, a União Soviética deixaria de existir e toda a população soviética morreria, e muitas outras nações, especialmente aquelas que possuem bases para armas nucleares, deixariam de existir e toda a população nelas residentes morreria.

Muitos cientistas fizeram estimativas das destruições a que levaria um hipotético ataque sobre os Estados Unidos, União Soviética e outros países, usando quantidades diversas das armas nucleares.

Estas estimativas estão, em escência, de acôrdo umas com as outras. Há pouca dúvida de que um ataque contra os Estados Unidos, com armas atômicas totalizando 10.000 megatons, teria como saldo, sessenta dias após a data em que se desse o ataque, a morte de 170 dos 190 milhões de americanos; 15 milhões ficariam seriamente feridos e restariam 5 milhões de sobreviventes, indenes, mas às lesões por poeiras radioativas. Os sobreviventes, entretanto, teriam que enfrentar os problemas da total destruição das cidades e distritos metropolitanos, de todos os meios de transportes e comunicações, morte dos animais domésticos e forte contaminação radioativa das plantas comestíveis.

Há pouca dúvida de que toda a população do país morreria em poucos meses ou anos. Destruição similar ocorreria em consequência de um ataque à União Soviética com 20.000 megatons de bombas (a maior quantidade correspondente a maior área da União Soviética).

Para destruir completamente as várias nações europeias, afóra a União Soviética, seriam necessários 5.000 megatons. Podemos concluir desses números, que cerca de 35 mil megatons de bombas matariam, praticamente, toda a população de grande parte do Hemisfério Norte. Esta conclusão não é surpreendente se levarmos em conta que os explosivos utilizados nos bombardeios, durante toda a segunda guerra mundial, totalizaram, no máximo, cerca de 6 megatons.

Calculo que o estoque de armas nucleares que atualmente possuem em os Estados Unidos seja de 240.000 megatons, e o da União Soviética de 80.000 megatons de bombas.

Os Estados Unidos possuem 1.600 grandes aviões de bombardeio no Comando Estratégico do Ar. Cada avião pode carregar cerca de 50 megatons de bombas. Por conseguinte, somente esses bombardeios, podem lançar sobre a União Soviética um total de 80 mil megatons de bombas, ou seja, quatro vezes o necessário para destruir esse país.

Há, ainda, dezenas de milhares de outros veículos de transportes bombardeiros de curto raio de ação, caças, mísseis intercontinentais e outros mísseis podendo transportar ogivas nucleares com a potência de um megaton.

Somente o comando Estratégico do Ar pode lançar sobre a União Soviética uma quantidade de bombas, quatro vezes maior do que a necessária para destruir completamente esse país.

Uma idéia da magnitude dos estoques de armas atômicas nos pode ser dada pela seguinte observação: se amanhã houvesse uma guerra mundial em que fossem usados 6 megatons de bombas (equivalente a todo o poder explosivo usado na segunda guerra mundial) e outra guerra semelhante tivesse lugar depois de amanhã, e assim em dias subsequentes, o atual estoque de armas atômicas se esgotaria no decorrer de 146 anos; mas na verdade todo o estoque poderia ser empregado numa luta de um único dia, o dia da Terceira Guerra Mundial.

Estes fatos nos levam à conclusão de que estaremos condenados a morrer se o mundo continuar neste louco caminho do militarismo. Creio que chegou o momento em que é essencial um acordo internacional que detenha as experiências nucleares e que este acordo seja seguido de outros que levem ao Desarmamento Completo.

Creio que somos forçados a eliminar da superfície da terra a instituição imoral da guerra, e substituí-la, como solução das disputas entre nações, por uma lei internacional baseada nos princípios da justiça e da moralidade.

Creio que caminhamos para compreender esta oportunidade que eliminará o sofrimento causado pela guerra e permitirá à comunidade humana libertar-se da fome, da doença, do analfabetismo, do medo, e permitirá realizar a justiça econômica, política e social, e desenvolver uma cultura digna do homem.

## A N Á L I S E      S O B R E      A      G U E R R A

de ALDOUS HUXLEY

Retirado da obra deste autor chamado "OS FINS E OS MEIOS", na qual o autor analisa os ideais do nosso século sob a luz fria da imparcialidade.

Todos os caminhos que levam para um melhoramento social são obstruídos cedo ou tarde, pela guerra, pelas ameaças da guerra ou pelos preparativos da guerra.

Esta é a verdade, a odiosa e irremediável verdade, que se apresentará com uma evidente claridade no que for exposto neste capítulo.

Aqui apresentaremos, brevemente, a natureza da guerra e as causas das guerras.

### A N A T U R E Z A      D A      G U E R R A

1ª - A guerra é um fenómeno exclusivamente humano. Os animais inferiores combatem com o calor da excitação sexual, matam devido à fome, ocasionalmente por prazer. Entretanto o que faz o lobo quando come uma ovelha, um gato quando joga com um camundongo, assemelha-se tanto a uma guerra como as caças a leões, coelhos, perdizes de um caçador.

Do mesmo modo, as brigas entre cachorros esfomeados, ou entre outros animais, são como si fossem rixas domésticas e nada tem que haver com a guerra, a qual é uma matança em massa, organizada com todo sangue frio.

Alguns insectos que vivem em sociedade vão à luta, está certo, organizados como exércitos, porém seus ataques estão sempre dirigidos contra outras espécies.

O homem é o único que organiza matanças em massa entre a sua própria espécie.

2ª - Alguns biólogos, entre os quais Sir Arthur Keith é o mais distinguido, estimam que a guerra atua como "uma tesoura de podar a natureza", assegurando a sobrevivência dos mais aptos entre os indivíduos e entre as nações civilizadas. Isto é evidentemente um absurdo. As guerras tendem a eliminar os jovens e os fortes e perdoam os enfermos. Não há razão alguma tão pouco supor que os povos que têm civilizações tradicionalistas de violência e boas técnicas guerreiras, sejam superiores aos demais povos.

Os seres humanos mais estimáveis podem não ser necessariamente os mais aptos para as guerras. Em resumo, podemos dizer que do ponto de vista do indivíduo a guerra é uma seleção inversa - e que no que se refere às nações e aos povos, a seleção é puramente casual, determinando por algumas vezes a sobrevivência dos povos guerreiros ou o domínio e assegurando outras vezes, pelo contrário, sua destruição e a sobrevivência dos menos guerreiros.

3ª - Existem hoje algumas sociedades humanas primitivas - a dos esquimós, por exemplo - para os quais a guerra é algo desconhecido e até incocebível. Sem dúvida, todas as nações civilizadas são guerreiras. A interrogação é feita si se deve estabelecer entre a guerra e a civilização uma correlação inevitável e necessária. Os testemunhos da arquitetura parecem indicar a conclusão que a guerra apareceu em um determinado momento da história das civilizações primitivas.

Existem razões em supor que a aparição da guerra esteve ligada com uma transformação brusca da consciência humana.

Como sugere o doutor J. D. Unwin, esta transformação brusca da consciência humana, pode estar relacionado com uma abstenção sexual nas classes dirigentes das sociedades guerreiras. O sintoma arqueológico desta transformação consiste na aparição repentina de palácios reais e monumentos funerários muito trabalhados.

A aparição da guerra parece estar ligado com a subida ao poder de governantes presunçosos, preocupados no agir de dominação pessoal e de sobrevivência pessoal posterior à sua própria morte.

Hoje em dia, em que as considerações de ordem económica parecem supremas, idéias de glória e de fama imortal ainda fermentam nas cabeças dos ditadores e dos generais e desempenham um papel importante entre as causas das guerras.

4<sup>as</sup> As distintas civilizações do mundo tem tido reações fundamentalmente distintas em relação a guerra.

Façamos sobre este respito uma comparação sobre a posição que adotaram os chineses os hindus com a dos europeus!

Os europeus tem sempre venerados os heróis militares, e desde a aparição do Cristianismo, os mártires. Não assim os chineses. O ser humano ideal, deve seguir os modelos propostos por Confúcio, o homem justo, razoável, humano e culto, que vive em paz, dentro uma sociedade harmoniosa e ordenada!

As doutrinas de Confúcio, disse Max Weber, "preferem uma sábia prudência ao, menor valor físico e declaram que o sacrifício da vida consumado antes do tempo é impróprio de um homem judicioso."

A nossa admiração europeia pelo heroísmo e pelo martirologio criou entre os homens um tendência de crer que uma boa morte é mais importante que uma boa vida, e que um largo caminho de loucuras e de crimes podem ser redimidos por um ato de coragem física.

O misticismo de Lao Tse confirma e completa o racionalismo de Confúcio. O Tao é um princípio cósmico eterno que ao mesmo tempo é a origem primeira da existência do indivíduo.

Os que quiserem viver em harmonia com o Tao devem reprimir sua arrogancia, o conceito de sua própria importancia e sua agressividade, e devem cultivar a humildade e devolver o bem pelo mal.

Desde os tempos de Confúcio, os ideais chineses tem sido essencialmente pacifistas. Os poetas europeus glorificaram a guerra. Os teólogos europeus encontraram justificativas para as perseguições religiosas e para as agressões nacionalistas.

Não tem ocorrido o mesmo na China. Os filósofos chineses e os poetas chineses tem sido quase todos anti-militaristas.

O soldado considerava-se como um ser inferior o qual não podia-se colocar ao nível de um erudito ou um funcionário.

É uma tragédia na história que a civilização ocidental tenha representado para a China a militarização progressiva de um cultura que durante quase três mil anos predicou o ideal do pacifismo.

A conscrição foi imposta em 1936 para uma grande quantidade de chineses e atualmente exhibe-se o soldado para a admiração dos demais.

Cômo, porém sugestiva, é a seguinte transcrição do New York Times, ao dia 17 de junho de 1937: "Sin Wan Pao, o diário escrito em chinês mais importante de Shanghai, aconselhava 'hoje a Adolf Hitler e a Benito Mussolini, a seguir o exemplo do general Yang Sen... general em chefe e comandante do 20<sup>o</sup> exercito na província de Schewan. O general tem vinte e seis esposas". "Com somente quarenta anos idade, o general tem um filho para cada um dos seus anos", dizia o diário. "O general implantou um adestramento militar completa para os seus vassallos. A familia dispõe de um campo de manobras exclusivo. Quando chegam visitantes, os jovens Yang oferecem uma recepção militar e desfilam diante seus hospedes com uma perfeita formação."

Causa riso porém é a triste realidade de General Yang e os quarenta pequenos Yang, em sua formação militar, são um sintoma grotesco do novo espirito ocidental da China, que hoje dando as costas a sabedoria de Confúcio e de Lao Tse, dispuseram-se a seguir o militarismo europeu.

O pacifismo da Índia tem sua mais completa expressão nos ensinamentos de Buda. O budismo, como o hinduismo, predica o "ahimsa", o que significa tratar sem machado a todos os seres vivos.

Chegam mesmo a proibir aos leigos que empregam-se em qualquer ação na qual haja a fabricação ou venda de armas, ou senatr praças, como participar nas matanças de animais.

Entre todas as religiões do mundo, a budista é a unica que propagou-se sem recorrer a perseguições, a censura, ou inquisição.

De todos estes pontos de vistas, seus atos são superiores aos da Cristandade. Para os budistas a cólera é sempre incondicionalmente ignominiosa. Para os cristãos educados na idéia de identificação a Deus com Jehovah, existe uma tal coisa como "a justa indignação". Graças a esta possibilidade de que a indignação pode ser justa, os cristãos sempre puderam encontrar motivos para justificar seus atos de guerra e para cometer atrocidades das mais horríveis.

É interessante que tenha havido a possibilidade das três principais civilizações do mundo terem adotado três atitudes diferentes em relação à guerra, o que prova que não é nada natural a nossa atitude atual com respeito à guerra.

A existência da guerra e a das essas justificativas políticas ou ideológicas da guerra, não são mais do que gram os duelos, de origens sexuais tão comuns na Europa no princípio do século atual e tão raros agora.

A maleabilidade da natureza humana é tal, que não há razão para que si é que assim o desejamos e nós dispomos a trabalhar no sentido conveniente, nós nos livraremos da guerra tal como temos nos libertado da fastidiosa necessidade de cometer um crime passional, cada vez que se deixava seduzir uma esposa, uma concubina ou uma parente.

Guerra não é uma lei natural, nem sequer uma lei da natureza humana. Existe porque os homens a desejam e sabemos assim nós encina a história; a intensidade deste desejo variou do zero absoluto ao máximo frenesi. No mundo contemporâneo o desejo da guerra difundiu-se amplamente e adquiriu um grau elevado de intensidade.

Porém nossa vontade mantém-se até certo ponto livre; podemos desejar de um modo distinto do que desejamos hoje. Não é sumamente difícil mudar de idéia, a respeito dos nossos desejos. Agradecemos as menores migalhas de alento neste sentido.

## C A U S A S      D A S      G U E R R A S

A guerra existe porque há gente que a deseja. Quer que exista a guerra por diversas razões.

1- Há muitas pessoas aos quais a guerra lhes agrada, por que parece que as suas ocupações em tempo de paz são humilhantes e frustrados e tom simplesmente um caráter negativo e aborrecedor.

Nos seus estudos relativo ao suicídio, Durkheim e mais recentemente Halbwachs, demonstraram que o índice de suicídios entre os não combatentes tende a diminuir durante os tempos de guerra chegando até dois terços de sua cifra normal.

Esta declaração deve atribuir-se às seguintes causas:-

A simplificação da vida nos tempos de guerra (o índice de suicídios em sociedades mais complexas e mais elevada e onde a civilização alcançou grandes progressos)

A intensificação dos sentimentos nacionalistas levado a tal ponto que a maioria vive em um estado de entusiasmo crônico; a vida durante a guerra adquire importância e significação de tal modo, que o trabalho mais aborrecedor enobrecer em seu caráter de "trabalho de guerra", a prosperidade artificial que sobrevem ao menos por um tempo, devido à expansão da industria bélica; a maior liberdade sexual que sobrevem sempre reclamada por uma sociedade na qual todos ou alguns dos seus membros vivem constantemente sob a ameaça da morte repentina.

Agreguemos a tudo isto o fato da vida em tempo de guerra é (ou foi pelo menos) sumamente atraente pelo menos durante os primeiros anos.

Rumores, corridas, tumultos, é os diários completos e repketos de notícias das mais inonentes como emocionantes.

Desde modo eram oferecidos a todos o poder de gozar substituitivamente e de segunda mão a experiencia excitante da guerra.

Até o fim da última guerra (1ª guerra mundial), os não combatentes não correram grandes perigos físicos salvo em territórios ocupados efetivamente.

Em qualquer guerra futura é evidente que terão que estar expostos a perigos quase tão grandes como os que tinham que carregar os combatentes.

Isto implicará em uma tendencia que diminuirá o entusiasmo dos não combatentes pela guerra.

Durante a última guerra uma proporção estimável de combatentes podiam apreciar materialmente, apesar de somente isto, algumas das fases da guerra, pois assim podiam escapar das aborrecedoras e ombrutescedoras rotinas do tempo da paz, e eram gratos mesmo que pagassem com o preço da molestia física ou com o risco da morte e mutilação.

É possível que os caracteres de qualquer guerra futura tornem-se tão espantosas, que até os mais aventureiros e combativos cheguem a odiar e temer o processo de combater

Enquanto isso todos os governos estão ativamente empenhados em fazer uma propaganda sutil, que está dirigida contra possíveis inimigos, mas nunca contra a guerra. Advertem seus súditos de que serão bombardeados por aeroplanos inimigos, persuade-os a fim de obrigá-los a adestrar-se em exercícios de proteção contra "raida" aéreos; proclamam a necessidade de amontoar quantidades enormes de armamentos com o objeto de contra atacar e cobrar "olho por olho", e investem nestes armamentos somas que na maior parte dos países equivale a metade ou quase o conjunto das rendas nacionais. Ao mesmo tempo, fazem tudo quanto possível, para diminuir os raids aéreos. Fabricam milhões de mascaras contra os gases, sabendo que todas estas garantias são falsas. Todos os esforços dos governos, repito, estão dirigidos em fazer propaganda contra os inimigos e a favor da guerra, contra os que tratam de dizer a verdade acerca o indole e os efeitos das armas novas, favorecem a fabricação de tais armas sempre em quantidades maiores.

Há duas razões que possibilitam para que esta propaganda tenha exito que obtem.

A primeira—está exposto acima de que muitos não combatentes e alguns combatentes encontram na guerra o alívio ao tédio dos dias de paz.

A segunda:—uma das causas principais da guerra é o nacionalismo e o nacionalismo é imensamente popular, por que satisfaz psiquicamente os instintos.

Todo nacionalismo é uma religião idolatra em que a divindade é o estado personificado; representado por sua voz, em muitos casos, por um rei, ditador, mais ou menos encusado.

Participar na nação divina é considerado como conferir uma certa proeminência mística. Assim, todos os "Inglozes de Deus" são superiores as "raças menores" que estão fora da lei e cada "inglozes de Deus" tem títulos para crer-se superior a quãquer dos membros da raça inferior; assim tratando a si como o mais rico, o mais dotado, o mais inteligente o mais santo, etc.

Qualquer homem que crea com bastante força na idolatria nacionalista, poderá receber através sua fé, um antídoto até contra o mais agudo complexo de inferioridade.

Os ditadores alimentam as chamas e recebem sua recompensa na gratidão de milhões de pessoas para quem o convencimento de que participam na glória da nação divina alivia os das sensações que os corroem é que nascem da sua própria pobreza, sua pouca importância social ou insignificancia.

A própria estimação tem por complemento o desprezo dos demais. A vaidade, o orgulho engendram o desprezo e o ódio, porém o desprezo e o ódio são emoções excitantes que estimulam a gente. Os fieis de uma idolatria nacional gozam somente sentindo o "estimulo" de ódio e desprezo dos fieis das outras idolatrias.

Pagam estas emoções sob o preço de ter que preparar-se para a guerra, derivado do ódio e do desprezo.

Na maior parte das vezes, em circunstâncias normais, a maior parte dos homens e mulhres conduzem-se de uma forma tolerável.

Isto significa, que tom que conter diversas vezes seus impulsos anti-sociais. Satisfazem substitutivamente estes impulsos em filmes, em crônicas que referem-se a gangsters, piratas, assaltantes, nobres descarados ou coisas semelhantes.

A nação personifica da é divina quanto a magnitudx, poder e sua superioridade mística porém é menos que humano quando refere-se ao seu caracter moral.

A ética da política internacional, é precisamente a dos gangsters. O cidadão exemplar pode entregar-se aos substitutivos da criminalidade não somente nos filmes, como também no campo da política internacional.

A nação divina, de que misticamente participamos provoca e engana de modo tal que muitas pessoas satisfazem suas baixas inclinações que geralmente são reprimidos.

A nação é uma divindade estranha, Impõe deveres difíceis e exige maiores sacrificios e ama-se exatamente por isso.

Porém também, serve de desafogô aos elementos baixos da natureza humana e por que os homens e as mulhres gosram de poder encontrar uma desculpa aos sentimentos de orgulho e ódio, por que anseiam gostar dos prazeres da criminalidade.

Estas causas acima mencionadas são as psicológicas; ou para ser mais exato a atmosfera psíquica de fundo cuje existencia permite que haja a guerra.

As causas imediatas da guerra são políticas e financeiras como forças impessoais e estranhas ao campo da psicologia e que atuam de um modo particular e que é distinto entre todos os seres humanos.

Com o propósito de proceder uma classificação resulta ser conveniente mostrar as suas desvantagens. Somos capazes de conceber a "política e os "economistas" como forças impessoais estranhas ao campo da psicologia, que atuam de um modo que lhes é peculiar e que é distinto dos seres humanos.

Assim como os costumes dos homens e suas condições de vida são impostas pelo meio social que o rodeia, a política e as finanças possuem somente uma autonomia relativa; pois onde que existe uma organização social, os indivíduos tendem às funções destes mecanismos.

3- A primeira das causas políticas da guerra é a própria guerra.

Muitas guerras tem sido empreendidas entre outras razões, para apoderar-se de um território valioso do ponto de vista estratégico ou para assegurar uma fronteira natural que equivale a dizer uma fronteira na qual é fácil defender-se ou atacar-se.

As vantagens de caracter militar são quase tão apreciadas por aqueles que governam as nações, como as de caracter economica. A possessão de um exercito, de uma marinha, de uma frota aerea constitue intrinsecamente uma razão para lançar-se a uma guerra.

"Temos que emoregar as nossas forças" é o argumento dos militaristas, "com o objetivo de encontrarmos em condições de empregar melhor na próxima vez".

Podemos considerar com toda justiça, neste lugar o papel que desempenham os armamentos como causa de guerras.

Todos os homens do estado asseguram que os armamentos de seus respectivos países não tem outro fim que o defensivo. Ao mesmo tempo, todos os homens do estado dizem que a existencia de armamentos em países estrangeiros, constitue por si só razão para que se acumulem novos armamentos no seu próprio.

Todas as nações estão tomando incessantemente medidas defensivas cada vez mais aperfeiçoadas para contrabalançar as medidas defensivas cada vez mais aperfeiçoadas das demais nações.

A corrida armamentista seguiria, ad infinitum, si não fosse inevitavelmente e invariavelmente o caminho para a guerra.

Os armamentos levam para guerra por duas razões:

A primeira é a psicologica. A existencia de armamentos dentro de uma nação, causaria junto aos vizinhos temores, suspeitas, ressentimentos e odios. Em semelhante atmosfera qualquer disputa se envenena com facilidade e chega a ser um "casus belli".

A segunda é de ordem técnica. Os armamentos envelhecem logo hoje em dia e cada vez mais acelerado.

Com o grau que tem alcançado o progresso tecnológico, um aeroplano podendo estar fora de uso em um par de anos, ou talvez menos.

Isto quer dizer, que é provavel que para um país qualquer, existe um momento em que sua equipe esteja definitivamente superior as demais nações.

Em pouco tempo esta superioridade desaparecerá e a nação terá em pensar como desfazer de sua equipé já então antiquada e encarar uma nova igual ou melhor que a nova equipe dos vizinhos.

É tão grande o esforço financeiro que requer este processo que somente aos mais ricos e possivel aguardar por muito tempo.

Para as nações mais pobres, torna-se este meio praticamente impossivel. Por isso para os governantes pobres existia sempre a tentação forte em declarar guerra durante um breve período em que sua própria especialização, militar esteja superior aos dos seus rivais.

A circunstancia em uma grande proporção dos armamentos sejam fabricados por empresas particulares e o fato destas empresas terem interesses de caracter financeiro em vender armas de guerra aos seus governos ou a governos estrangeiros, é tambem das outras causas da guerra.

4- As guerras poder serem feitas com o propósito de propagar uma crechça religiosa ou um credo politico.

As invensões mahometanas, as Cruzadas, As guerras do Religião, As Guerras da Revolução Francesa, a última guerra civil espanhola, são todos exemplos de que podemos chamar de guerras ideológicas.

Verdade é, que fizeram estas guerras ideológicas influenciado por considerações de outro caracter isto é sonhos de riquezas, desejos de glória ou de poder.

Porém em todos os casos foram de suma importância as razões ideológicas. Si não houvesse existido o desejo de propagar uma nova fé, ou de definir a outra que já existia, estas guerras não ter-se-iam realizadas.

Ademais a luta não teria sido tão cruenta como geralmente foi, si os combatentes não fossem inspirados por uma fé religiosa.

O desígnio da propaganda nacionalista moderna, consiste transformar o afeto normal do homem por sua pátria em veneração exclusiva e feroz da nação divinizada.

As disputas entre nações, está começando a tomar este aspecto inflexível e fanático, que foi característico em eras passadas das relações que tinham entre si os sectários dos distintos grupos religiosos ou políticos.

5- Muitas guerras tem sido feitas no passado, tão somente pela glória que aportava.

Pensava-se geralmente que a glória pertencia ao chefe do exercito, ao rei seu amo. Os monarcas assírios combatiam pela glória, assim também Alexandre, como outros tantos reis e senhores feudais, assim o fez Luis XIV e outros monarcas do século XVIII, deste modo comportou-se Napoleão e tal é provavelmente o desejo dos ditadores modernos.

Nos países que estejam governados por um só homem colocado à frente de uma oligarquia militar, existe sempre o perigo que a vaidade pessoal e a sede de glória possam servir como móveis que leve seu país em uma guerra.

6- A glória considera-se um atributo dos reis e dos generais; porém nem sempre pertence a eles, nem sempre é de caracter exclusivo.

Naqueles países cujos povos estejam movidos por fortes sentimentos nacionalistas, pode-se conceber a glória como algo que pertence em certo grau, a todos os membros da comunidade.

Todos os ingleses participam na glória dos seus monarcas Tudor, todos os franceses a do Luis XIV.

Durante a Revolução Francêsa tentou-se deliberadamente popularizar a glória, recorrendo-se à propaganda falada ou escrita.

A imprensa, o rádio, o cinema, colocam a glória nacional ao alcance de todos. Quando as coisas andam mal no interior e o povo começa a queixar-se, o ditador está sempre tentando compensar-lhes, proporcionando-lhes alguma glória exterior. A glória era antes muito mais barata do que hoje.

Por outro lado na antiguidade, o chefe ditatorial da guerra não tinha que contemplar a opinião pública, até onde é hoje obrigado a acata-la o mais absoluto dos ditadores modernos. A razão é simples. Antes da máquina, a fábrica de glória consistia em um pequeno exercito de profissionais, enquanto que as batalhas realizavam-se a distancias razoaveis de lugares povoados, o povo não sentia-se muito solidarizada com este pequeno exercito de profissionais, seus sofrimentos não os atingia pessoalmente e quando lo-gravam uma vitória não havia logicamente uma conquista de cargos e promoções.

Hoje em dia todo homem deve prestar serviço militar e os aviões fizeram da guerra um acontecimento tão perigoso para os não combatentes como para os que estão na frente da batalha.

Todos devem contribuir pelo preço da glória; a guerra afeta agora a todos os homens, mulheres e crianças da coletividade.

O custo de homens e em dinheiro de uma guerra moderna é tão grande, espalha-se tão extensamente, seus efeitos sobre a opinião pública e a estrutura social são tão impossiveis de calcular que mesmo os ditadores antes de lançar os seus povós duvidam a não ser que vejam afetados "a honra nacional" e os "interesses vitais".

Os armamentos do século XX constituem uma segurança contra a guerra pequena e trivial. Porém por outro lado asseguram da forma mais absoluta, quando estejam em jogo "interesses vitais" e "honra nacional" e então a guerra que for consequente tomara o caracter destrutivo sem precedentes.

7- Entre as causas economicas da guerra, a primeira em importancia histórica consistia no desejo de uma nação apoderar-se do território fértil que pertença a outra. Hitler, por exemplo, declarava va que os alemães necessitam mais território para poder acomodar seu excesso de população.

Si a Alemanha e a Rússia chegassem a uma guerra seria pelo menos em parte para satisfazer uma ansia real ou imaginária de maior ou melhor territórios.

Nos tempos modernos as guerras tem sido feitas, não tanto para obter terras férteis como para possuir o exercicio do controle das materias primas indispensaveis as industrias.

Os monerais de ferro da Lorena foram o pomo de discórdia entre a França e a Alemanha. As atividades japonesas na Mandchúria e na China do Norte podem ser assim explicados parcialmente.

8-Dentro assuntorõs traz até uma das causas mais importante da guerra-a intriga dentro de cada nação, por minorias politicamente poderosas, em defesa dos seus interesses privados. Desde este ponto de vista, são os piores, ou como se quiser os mais notáveis delinquentes, estamos referindo-nos aos fabricantes de armamentos. Parece-me desnecessário citar fatos e cifras, elas estão claramente expostas em um bom numero de livros, de folhetos bem documentados e facilmente acessíveis.

Basta expor as seguintes e simples generalizações. As guerras e suas preparações são uma fonte de beneficio para todo o fabricante de armas. Quanto mais se arma uma nação, maiores serão seus ganhos. Por isso estão sempre tentando fomentar os temores de guerra, a incitar os governos contra outros governos, a usar todos os meios ao seu alcance, desde as inovações científicas até a propaganda patriótica com o objetivo de afugentar qualquer esforço que se faça em prol do desarmamento. Os testemunhos históricos demonstram que os fabricantes de armamentos têm sucumbido com demasiada frequência a esta tentação.

Um dos pontos que figuram no programa de todos os partidos da esquerda do mundo, é a nacionalização da indústria das armas. Até certo ponto todos os estados têm iniciado a fabricação de armas. Pois bem, a nacionalização completa da indústria das armas, causará seguramente uma boa consequência-aliviaria os governos das influencias de capitalistas especialmente irresponsáveis; cujo unico interesse consiste em obter grandes lucros. Porém os armamentos continuam sendo fabricadas, qualquer que seja a norma do fabricante. Um aeroplano que provenha de uma fábrica do estado pode matar tantas mulheres e crianças quanto um avião de uma fábrica que pertença a um capitalista. Ainda mais, o fim dos armamentos quando fossem fabricados pelo Estado poderá servir de justificativa e até certo ponto legalizar uma prática abominável por natureza. Aquela parte do povo que não reflete poderá chegar a crer que é digna de respeito uma indústria de armamentos.

A abolição total desta indústria nas mãos dos particulares, seria prejudicial pois tornar-se-ia mais difícil o problema do que já é, pois o poder que exerce o controle completo da fabricação das armas, acharia repugnante abandonar semelhante instrumento de tirania. Pois toda a indústria de armamentos racionalizado, torna-se precisamente um instrumento de tirania em potencia.

O Estado é sempre mais poderoso do que qualquer empregador particular isto é o pessoal de indústria de armamentos totalmente nacionalizada poderá ser transformado em uma espécie de exercito tecnico independente do poder executivo.

Os fabricantes de armas não são os únicos mercadores de morte, de uma certa maneira, todos nós merecemos esse nome, pois enquanto votamos em governos capazes de impor quotas e direitos de importação, até toleramos políticas de rearmamento, até quando conseguimos imperialismos economicos, políticos ou militares dos nossos próprios países e comportamo-nos injustamente na nossa vida privada, estamos contribuindo em pequena parcela a acercar de uma guerra.

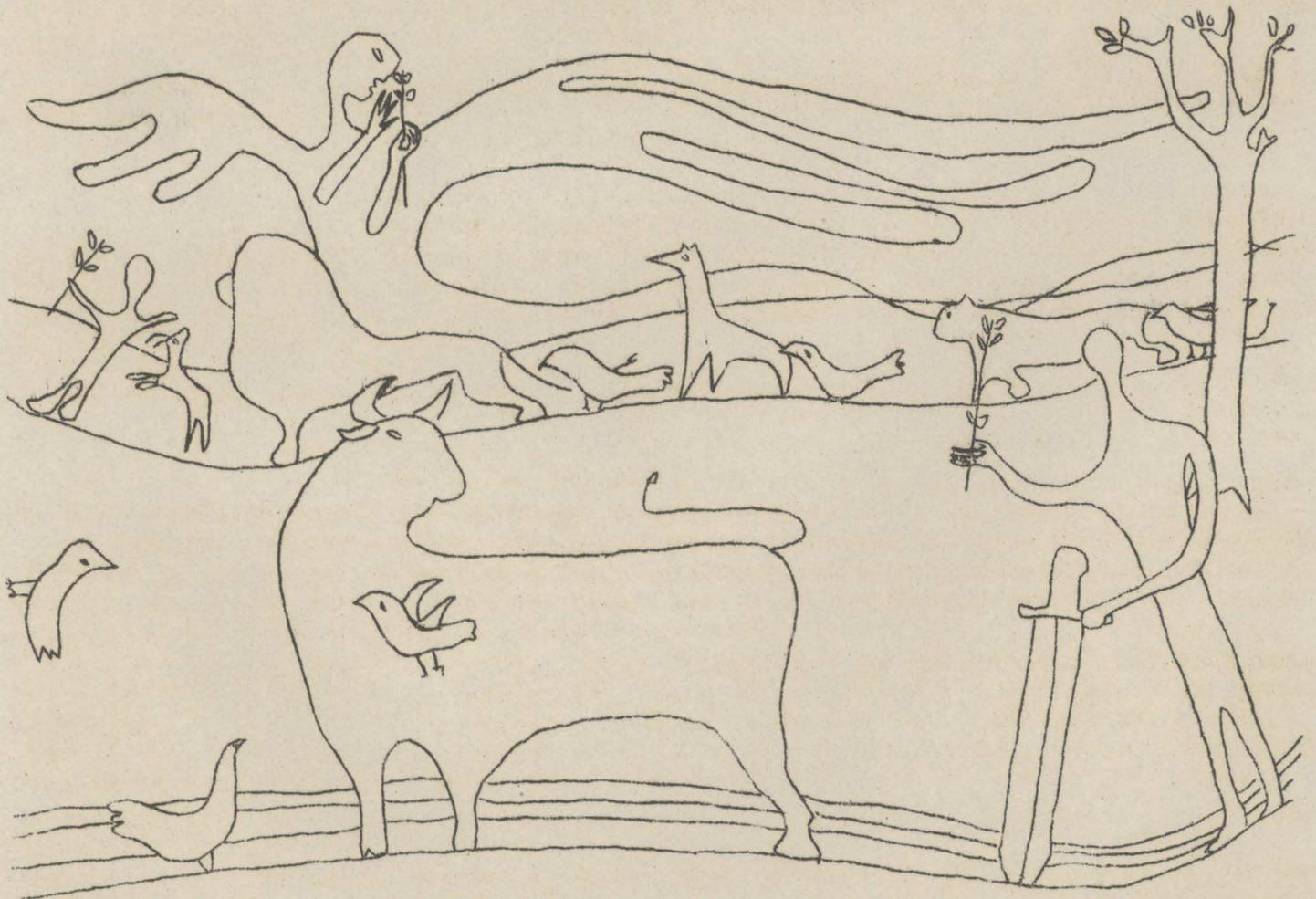
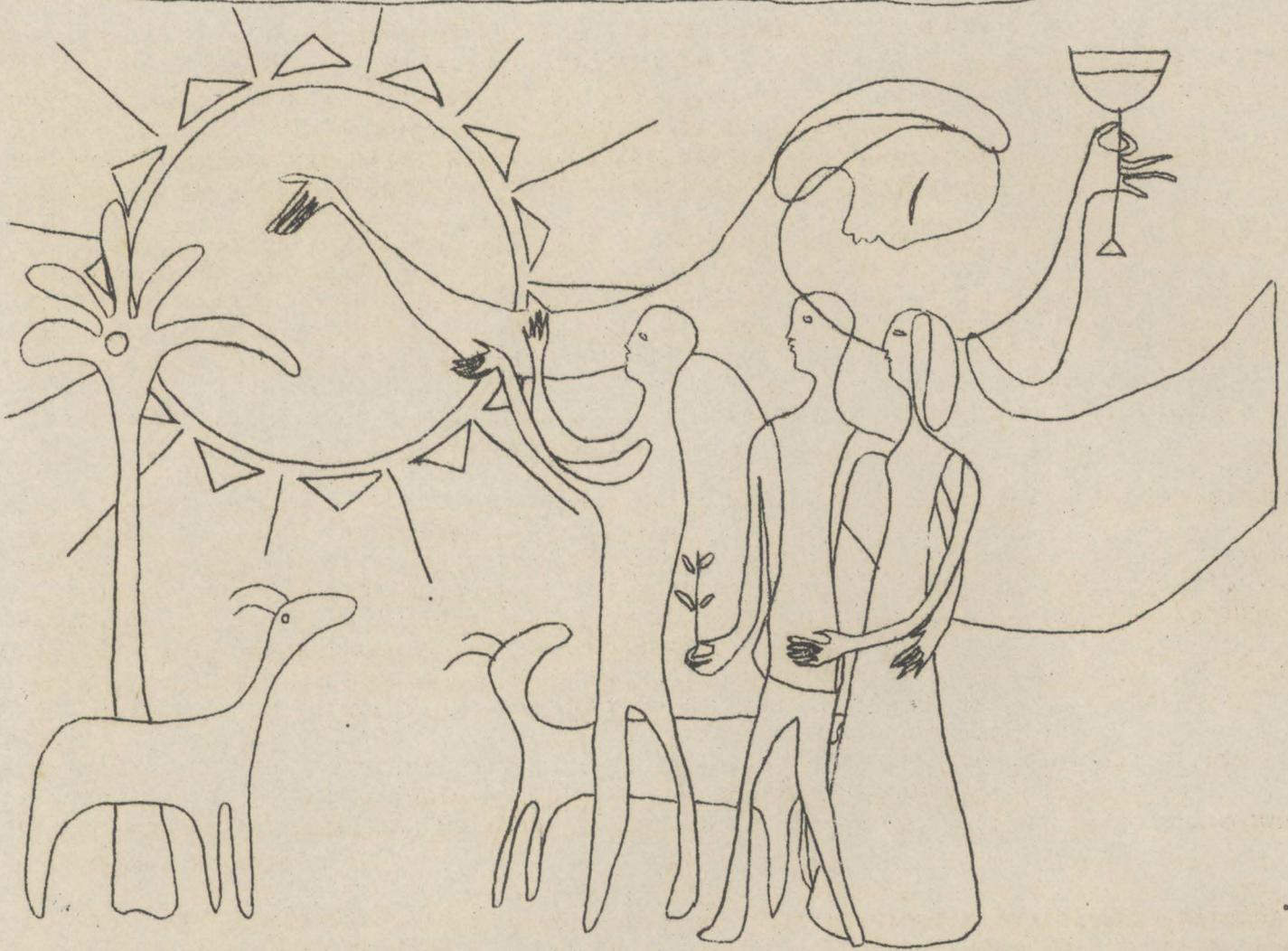
A responsabilidade do rico e do poderoso são maiores sem embargo que do homem comum, por que sabem mais claramente o que estão fazendo e têm proveitos pecuniários. Menos espetacularmente nocivos que os fabricantes de armas, porém na realidade apenas menos culpados, são os especuladores que empregam meio imperialistas por que lhes permite obter interesses elevadíssimos invertendo seus capitais em países atrasados.

A nação como conjunto, suas colonias podem não dar-lhes beneficios a até podem resultar-lhes custosas. Porém para as minorias politicamente poderosas, financistas com capitais para investir ou industriais com excesso de mercadorias para colocar, estas colonias podem-lhes ser uma fonte de beneficios.

Empregando com juízo seus recursos, os capitalistas das nações altamente industrializadas, entabulam por sua própria conta reclamações aos países nominalmente independentes. Estas reclamações são explicadas como si fossem das suas respectivas nações e as querelas entre os interesses financeiros afetados, transformam-se em problemas de relações entre estados.

A paz no mundo tem sido posta frequentemente em perigo, só com o objetivo de poderem enriquecer um pouco mais às magnatas de petróleo.

Inocentes ou ignorantes muitos dos leitores de diários estão convencidos de que os interesses dos ricos são realmente os interesses públicos e indignam-se quando estes interesses estejam ameaçados por uma potencia estrangeira. Apesar da contradição a opinião publica reclama a proteção e sentimos isto como uma expressão genuina das emoções das massas.



## LIBERDADE OU MORTE

Bertrand Russel.

Patrick Henry, patriota americano que se destacou durante a Guerra da Independência é hoje lembrado, principalmente, pela sua exclamação: "Dêem-me a Liberdade, ou Morte". Na boca dos anticomunistas fanáticos, isso se converteu num slogan que pretende significar que um mundo sem criaturas humanas seria preferível a um mundo comunista. Tal como Patrick Henry o disse, no entanto, isso tinha significado inteiramente diferente. Defendia ele uma causa justa, devido à hostilidade britânica, essa causa não poderia triunfar sem que houvesse perda de vidas americanas. Por conseguinte sua morte poderia proporcionar liberdade. Em tais circunstâncias era perfeitamente justo seu lema fosse aprovado.

Quando, porém, esse lema é empregado para justificar uma guerra nuclear, a situação é completamente diversa. Não sabemos quais seriam as consequências de uma guerra nuclear. Poderia ser ela o fim da espécie humana. Poderia ter como resultado apenas a sobrevivência de uns poucos bandos dispersos de salteadores nárquicos, num mundo que houvesse perdido toda a sua coesão social. Poderia nas melhores circunstâncias imagináveis, resultar em duros despotismos governamentais, com severo racionamento de todas as coisas necessárias à vida. Herman Kahn, que procura justificar, em certas circunstâncias, a guerra nuclear admite, que na melhor das hipóteses resultaria naquilo que ele chama "socialismo catastrófico", de modo algum seria a liberdade organizada, tal como Patrick Henry desejava.

Morrer por uma causa é nobre, se a causa for boa e a morte puder favorecê-la. Se, porém, for praticamente certo que nossa morte nada adiantará, nosso ato não revelará senão fanatismo. Isso se torna particularmente óbvio no caso daqueles que dizem explicitamente preferir a extinção da nossa espécie a uma vitória comunista, ou alternativamente, a uma vitória anti-comunista. Supondo-se que o comunismo seja tão mau quanto o afirmam os seus piores inimigos, seria obstatante, possível que se verificassem melhorias nas gerações subsequentes. Supondo-se que o anti-comunismo seja tão mau quanto o julgam os stalinistas extremados, o mesmo argumento se aplica. Houve no decurso da história, muitas tiranias horríveis, mas com o tempo foram, elas reformadas ou extintas. Enquanto o homem continuaz a existir, a melhoria é possível; mas nem o comunismo nem o anti-comunismo poderão ser edificados sobre o mundo de cadáveres.

Uma das coisas medonhas de armas nucleares é que, se empregadas em grande escala, causarão imenso dano não só aos beligerantes, como também, aos neutros. Os neutros têm, por conseguinte, o direito elementar de preservação de sua própria existência, ao tentar impedir uma guerra nuclear. Qualquer que seja o odireito que um país possa ter de preservar sua própria forma de governo em face de uma oposição estrangeira, não lhe assiste, dentro de qualquer espécie de justiça, o direito de exterminar muitos milhões de indivíduos que desejam manter-se fora da contenda.

Há os que dizem: "A guerra faz parte da natureza humana, e não se pode modificar a natureza humana. Se a guerra significa o extermínio do homem, devemos suspirar e resignarmos." Isto é sempre dito por aqueles cujo suspiros são hipócritas. É inegável que existem homens e nações sobre os quais a violência exerce sedução, mas não existe nada na natureza humana que torne impossível refrear tais homens e nações. Indivíduos que têm queda para o homicídio são refreados pela lei criminal e a maioria, dentro de nós, não acha a vida intolerável por não nos ser permitido cometer assassinios. O mesmo é verdade quanto ao que se refere a nações, por menos inultradados que os fomentadores de guerras se achem em admiti-lo. A Suécia, desde 1814, jamais se viu envolvida numa guerra. E nenhum dos suecos que conheço jamais revelou qualquer sinal de sofrimento causado por instinto frustrado devido à falta de guerra.

Há muitas formas de competição pacífica que não devem ser deploradas e, neças, os instintos combativos dos homens podem encontrar plena satisfação. As contendas políticas, num país civilizado, despertam, não raro, questões que conduziriam à guerra, se ocorressem entre nações diferentes.

Os políticos democráticos habitam-se às limitações impostas pela lei. Ocorreria o mesmo nos assuntos internacionais, se houvesse uma maquinaria política destinada a solucionar disputas, e se os homens se tivessem habituado a respeitá-la. Ainda não há muito tempo, as disputas pessoais eram, com frequência, resolvidas por meio de duelos, e aqueles que defendiam a prática de duelo afirmavam que sua abolição seria contrária à natureza humana. Esqueciam-se, com se esquecem os atuais defensores da guerra de que aquilo a que se chama "natureza humana" é, essencialmente, resultado do costume da tradição e da educação e, de que, nos homens civilizados, somente uma minúscula fração é devida ao instinto primitivo. Se o mundo pudesse viver, durante umas poucas gerações, sem guerra, a guerra acabaria por parecer tão absurda como hoje nos parece o duelo. Restariam sem dúvida, alguns maníacos homicidas.

## O S C I E N T I S T A S E A B O M B A A T O M I C A

O Dr. Linus Pauling redigiu uma petição às Nações Unidas esta petição diz:

"Nós, os cientistas baixo-assinados, insistimos quanto à necessidade de que se faça prontamente um acôrdo internacional tendo em vista cessar as experiências com bombas nucleares.

Cada experiência com bomba aumenta a carga de elementos radiotivos em tãda aparte do mundo. Cada aumento de radiação causa danos não só à saúde das criaturas humanas em todo o mundo com às cotas de plasmas de germes humanos, tendendo a aumentar o número de cr. nças em todo o mundo que nascerão em gerações futuras.

Enquanto tais armas se encontram nas mãos de apenas três potências é ainda factível que se chegue a um acordo quanto ao seu contrôle. Se tais experiências continuarem, e a posse dessas armas se estender a outros governos, o perigo da deflagração de uma catas trófica guerra mundial, devido à ação imprudente de algum líder nacional irresponsável, será muitíssimo maior.

Um acordo internacional, no sentido de se pôr um fim às experiências com bombas nucleares, serviria, agora, como um primeiro passo rumo a um desarmamento mais geral e à abolição final, efetiva, de armas nucleares, evitando a possibilidade de uma guerra nuclear que seria uma cat'astrofe para tãda a humanidade.

Temos em comum com os nössos semelhantes profunda preocupação peço bem-estar de tãdas as criaturas humanas. Como cientistas, temos conhecimento dos perigos que isto encerra e, por conseguinte, da responsabilidade especial que nos cabe de fzer com que se conheça tais perigos. Consideramos imperativo sejam tomadas medidas imediatas no sentido de se conseguir um acordo internacional que ponha fim às experiências nucleares".

Um Manifesto de uma Conferencia do "THE PUGWASH MOVEMENT" em julho de 1955. Eis o texto da declaração:

"Não há dúvida de que, uma guerra com bombas H, grande cidades seriam completamente arrasadas. Mas isso teria um dos menores desastres que teríamos se enfrentar. Se tãda a população de Londres, Nova York ou Moscou fôsse o mundo talvez pudesse, no decurso de poucos séculos, refazer-se de tal golpe. Mas sabemos hoje, principalmente de pois da experiência de Bikini, que as bombas nucleares podem, aos poucos, espalhar a destruição sôbre áreas muito mais amplas do que se havia suposto.

Afirmar-se, com base em autoridade digna de crédito, que se pode cõnstruir hoje uma bomba 2.500 vêzes mais poderosa que aquela que destruiu Hiroshima. Tal bomba, se explodir perto do sólo ou sob a água, envia partículas radioativas às camadas superiores da atmosfera. Depois, essas partículas caem, aos poucos, sôbre a superfície da Terra, em forma de poeira ou chuvas mortais. Foi essa poeira que contaminou os pescadores japoneses e os peixes que haviam apanhado.

Ninguém sabe até onde essas partículas radioativas podem espalhar-se, mas as melhores autoridades são unânimes em afirmar que uma guerra com bombas de hidrogênio poderia, provavelmente, exterminar a raça humana. Receia-se que, se muitas bombas forem usadas, haverá morte universal - súbita apenas para uma minoria, sendo que a maioria sofrerá a lenta tortura da doença e da desintegração.

Muitas advertências têm sido feitas por eminentes homens de ciência e por autoridades em estratégia militar. Nenhum deles diz que os piores resultados sejam certos. O que todos dizem, é que tais resultados sejam certos. O que todos dizem é que tais resultados sejam possíveis. E nenhum deles pode ter certeza de que os mesmos não ocorram.

Eis aqui o problema que vos apresentamos - nu, terrível, inescapável: ~ poremos um fim à raça humana, ou deverá a humanidade renunciar à guerra? Não agrada ao homem ter de enfrentar tal alternativa, por ser sumamente difícil abolir-se a guerra.

A abolição da guerra exigirá desagradáveis limitações da soberania nacional. Mas, o que talvez impeça, mais do que qualquer outra coisa, a compreensão da situação, é o fato de o termo "humanidade" ser vago e abstrato. As pessoas mal percebem, em sua imaginação, que o perigo diz respeito a elas próprias, a seus filhos e seus netos e não apenas a humanidade de apenas vagamente se apercebem. E assim esperam que talvez se possa permitir que a guerra continue, contanto que as armas modernas sejam proibidas.

Esta esperança é ilusória. Quaisquer acordos a que se possa chegar, em tempo de paz, quanto ao emprego de bombas H, não serão considerados válidos em tempo de guerra, e ambos os lados se poriam a fabricar bombas H logo que a guerra irrompesse, pois o lado que não fabricasse sairia inevitavelmente derrotado.

Embora um acordo no sentido de se renunciar às armas nucleares como parte de uma redução geral de armamentos não constituísse uma solução final, atenderia ao menos a certos propósitos importantes. Primeiro: qualquer acordo entre Leste e o Oeste será um bem, já que tenderá a diminuir a tensão existente. Segundo: a abolição de armas termo-nucleares, se cada lado acreditar que o outro a efetivou sinceramente, diminuiria o temor de um ataque súbito à maneira de Pearl Harbour, o qual, no momento, mantém ambos os lados num estado de apreensão nervosa.

De um trecho da Declaração de Viena, uma reunião de cientistas.

"É nossa crença que a ciência poderá melhor servir à humanidade se estiver livre da interferência de qualquer dogma imposto por fora, e se exercer o seu direito de discutir todos os postulados, inclusive os seus próprios....

Nas atuais condições de desconfiança entre as nações, e da corrida para a supremacia militar, resultante dessa desconfiança, todos os ramos da ciência física, biologia, psicologia - se envolveram cada vez mais em assuntos militares. Aos olhos do povo de muitos países, a ciência tornou-se algo associado ao aperfeiçoamento de armamentos. Os cientistas ou são admirados pela sua contribuição à segurança nacional, ou amaldiçoados, por terem pôsto em risco, com a invenção de suas armas de destruição em massa, a sobrevivência da humanidade. O aumento de apoio material de que a ciência hoje desfruta em muitos países é devido principalmente à sua importância, direta ou indireta quanto ao poderio militar da nação e o grau de seu sucesso na corrida armamentista. Isto desvia a ciência de seu verdadeiro propósito, que é aumentar o conhecimento humano e promover o domínio do homem, em benefício de todos, sobre as forças da natureza.

A G U E R R A T E R M O N U C L E A R  
E A S O B R E V I V Ê N C I A H U M A N A

U M D E B A T E Herman Kahn versus Erich Fromm

De acordo com uma importante corrente de pensamento, não pode haver nenhuma defesa eficaz contra um ataque termonuclear, e assim sendo, um programa de construção de abrigos, e outros preparativos para a sobrevivência, envolve uma perda de dinheiro e energia bem melhor empregados em "manter a Paz", ou como alternativa, no melhoramento do poder dissuasivo e da capacidade de travar guerras limitadas.

Uma segunda corrente de pensamento é contra a defesa civil exatamente pela razão inversa, argumentando poderem nossos preparativos para a sobrevivência tornar-se tão eficazes, que o inimigo considere-os "provocadores"; levariam assim a uma aceleração da corrida armamentista, ou até a um ataque do inimigo. Alguns opositores da defesa civil não abrem a mão sequer da possibilidade de lançar, um ataque de surpresa, se estiverem certos de ter proteção eficiente contra as represálias.

A defesa civil, é na verdade, ineficaz na consecução de três objetivos fundamentais. Em primeiro lugar não se deve contar ela para manter as baixas e danos em propriedade em níveis clássicos; de fato é quase proibitivamente impossível oferecer grau considerável de defesa contra um ataque de surpresa à população concentrada em áreas-objetivas. Em segundo lugar, a defesa civil não pode, contribuir diretamente para a execução de operações militares; em terceiro lugar, não pode contribuir muito para impedir um ataque.

As alegações a favor da defesa civil não precisam basear-se nem em sua contribuição ao esforço de guerra, nem em sua capacidade de deter um ataque. Não é finalidade dos civis protegerem os militares. As pessoas são fins, não meios. Portanto, a questão fundamental é: pode a defesa civil ser utilizada para dar um grau razoável de proteção a vidas e propriedades, e facilitar a recuperação após terminada a guerra?

Em que consistem tais preparativos? Dentre os mais importantes estão os destinados a enfrentar as necessidades de sobrevivência imediata, e a manter ou restaurar a marcha da economia. Precisam ser feitos planos para tornar imediatamente disponíveis, após um ataque, comida, água, abrigo e roupa em quantidade suficiente. Isto significa ter à mão provisões para durar até a produção ser reiniciada e preparar formas e meios de distribuir estas provisões sob todas as diferentes circunstâncias capazes de surgir.

Tem sido às vezes argumentado que os únicos sobreviventes de uma guerra nuclear seriam "roceiros reacionários", com os quais a reconstrução não se poderia contar para apoiar a reconstrução das instituições, mas achamos que a maioria das cidades sobreviveriam.

Um segundo grupo de argumentação, utiliza com frequência o motivo de que a defesa civil potencialmente demasiadamente eficaz. O argumento é este: se os civis são considerados como alvo, então uma tentativa de protegê-los precipitaria um maior esforço dos inimigos no sentido de adquirir a potência necessária para destruí-los mesmo protegidos. Se construíram talvez haja um maior desenvolvimento no afã de fabricar mísseis em maior número.

Um terceiro argumento pelos opositores é este: Um esforço no campo de defesa civil pode levar a uma guerra preventiva por parte do inimigo, pois venceria das intenções agressivas. Outros afirmam que um programa poderia induzir o próprio país a uma guerra preventiva, pois limitaria as baixas. Repousam na idéia de que, se um dos lados não conseguir garantir a destruição do outro, serão obrigados a lançar mão no seu ataque da surpresa dirigido contra eles.

Outro argumento apresentado é que pode enganar os líderes, tornando-os temerários ou enganar o povo, que se tornaria temerário ou permitiria o

Em suma parece que os críticos da defesa civil não querem raciocinar sobre as possibilidades de se travar, uma guerra nuclear. Prefere afasta-la do pensamento, ignorá-la. Para muitos estrategistas só admitem o balanço de terror automático-ideia de que só pode haver um tipo de guerra termonuclear, uma guerra envolvendo, inevitavelmente, aniquilação mútua e que portanto nunca poderá ocorrer. Todavia, tudo depende de como começará o conflito, como será travado e como poderá terminar.

ERICH FROMM respondendo:

Não tanto, por Kahn fazer muitas declarações acerca de assuntos psicológicos (como a qualidade e duração da tristeza, a disciplina das pessoas durante um ataque nuclear, etc), mas sobretudo por sustentar a tese central de que, devido ao medo, as pessoas reprimem a consciência da possibilidade de ocorrência da guerra termonuclear e, conseguinte, ignoram as possibilidades de defesa. Nenhum psicanalista poderia discutir contra esse princípio. A questão é apenas saber se a percepção de que uma guerra termonuclear é de veras possível leva a um maior senso de realismo ou se, conforme cremos, ilusões antigas são substituídas por outras mais perigosas. Kahn, deu a um modo geral aos líderes de opinião e chefes políticos, a impressão de que a guerra nuclear não era necessariamente catastrófica e que uma vez tomadas as providências necessárias, o país poderia recuperar-se e, após dez ou vinte anos, as pessoas poderiam uma vez mais levar uma vida feliz e próspera. Para aclarar há duas concepções do papel da defesa civil: 1) construção de abrigos, um seguro de vida; 2) defesa civil como parte da estratégia nacional, podendo ajudar a evitar a guerra.

Quais as possibilidades de salvamento da população urbana?

Quase nenhuma, dados os efeitos das armas medidas em megatons. Um arrebentamento no solo de 20 megatons abre uma cratera de 100 metros de profundidade por 800 metros de raio, destruindo todos os abrigos subterrâneos. Em um raio de 6 quilômetros e meio, as mais reforçadas estruturas de concreto são aplastadas. A 17 quilômetros, a pressão de sopro destrói todos os prédios de tijolos ou armação comum, e soterra a maioria dos abrigos de precipitação improvisados em porões, enquanto ventos de 250 quilômetros por hora transformam corpos humanos e destroços em projéteis mortíferos.

Todavia, o sopro é o mais insignificante agente mortal na guerra termo-nuclear; o fogo a radiação instantânea e a precipitação retardada fariam muito maior número de casos fatais. Dentro de pelo menos um raio de 40 quilômetros de um arrebentamento de 20 megatons - uma área aproximadamente 5.200 quilômetros quadrados - qualquer pessoa exposta morreria de queimaduras e incêndios tremendos em breve principiaria a consumir o ar dos abrigos contra a precipitação e sopro. Enquanto houvesse combustível para esses incêndios, eles prosseguiriam ardendo. Qualquer um que vislumbrasse a explosão ficaria cego.

E o que dizer salvar-se a população urbana por meio da evacuação? Embora muitos repilam a ideia de evacuação, outros consideram-na uma possibilidade séria. É difícil perceber porque. Se tivéssemos de evacuar nossas cidades a cada crise política, provavelmente teríamos praticado em todos os anos.

Um outro problema é como as famílias não desfeitas reagirão ante o desmoronamento do mundo inteiro ao seu redor. É absolutamente evidente que o desastre e a morte ameaçando uma comunidade inteira provocarão uma perturbação emocional em massa, baseada em uma sensação de abandono sem defesas, desorientação e culpa comum. Além do mais parece plausível supor que as crianças, havendo experimentado o terror de seus pais e o pânico da comunidade, reagirão a crises posteriores de maneira análoga, porém ainda mais veemente. Isto é a angústia e o medo são transmitidos de uma geração para outra, constantemente exacerbados.

O S V A L O R E S D O O C I D E N T E  
E A G U E R R A T O T A L

UM DEBATE : Sidney Hook

Hans Morgenthau

Stuart Hughes

C. P. Snow

A revista americana COMMENTARY convidou Hook, Hughes, Morgenthau e Snow a participarem em mesa redonda, durante três horas, de uma discussão sobre as questões morais e políticas relativas à possibilidade de uma guerra nuclear.

NORMAN PDHORETZ :- Flando de uma maneira um tanto crua, existem até agora duas escolas de pensamento a respeito da questão da natureza da guerra termonuclear, e a maioria das posições decorrem, no final das contas, de um de outra dessas duas ordens de postulados. A primeira escola de pensamento - cujos representantes mais proeminentes sejam Herman Kahn acredita que a possibilidade da guerra termonuclear não trouxe alterações substanciais, mas apenas de grau. Noutras palavras, essa escola de pensamento tende a encarar o uso de armas nucleares e a que ponto uma civilização poderia recuperar-se após uma guerra termonuclear.

A outra escola de pensamento - que ultimamente vem sendo representada por Karl Jaspers - baseia-se no pressuposto de que a guerra termonuclear é diferente em espécie, não apenas em grau, de todas as demais formas de violência e conflito armado entre nações. Esta escola de pensamento julga não ser possível falar na preservação da civilização, de liberdade ou de valores caso se recorra à guerra termonuclear, e por conseguinte considera que esse tipo deve ser eliminada como instrumento de política nacional. Os porta-vozes dessa escola - ao que me parece - admitem que é possível conceber a preservação de uma nação fisicamente, ainda mesmo após uma guerra termonuclear, mas afirmam que é absurdo em falar em preservar valores - morais ou políticos, e ainda mais, uma civilização como a nossa.

SIDNEY HOOK :- Lendo a história da cultura ocidental, parece-me que a sobrevivência a todo custo não se inclui entre os valores do Ocidente. Foi Aristóteles quem disse que não é a vida tal, a quem tem valor, mas a vida elevada. O homem livre é aquele que em determinadas situações se recusa a aceitar a vida se esta implica em degradação espiritual. O homem que declara ser a sobrevivência a todo custo o fim da existência está moralmente morto, porque se acha preparado a sacrificar todos os outros valores que dão à vida o seu significado. Mas as nossas alternativas hoje, não são limitadas à rendição ao comunismo, ou à destruição universal pela guerra. Se não abandonarmos as nossas armas impeditivas, creio que, com o tempo, poderemos criar uma alternativa que evitará os extremos descritos,

HANS MORGHENTAU :- Gostaria, mais porém de discutir a questão filosófica fundamental, a de saber se é possível defender os valores da civilização ocidental por meio da guerra nuclear. Acho-me de fato, inclinado a responder a essa indagação pela negativa, embora admitindo a possibilidade; ou talvez mesmo a probabilidade, de que seremos obrigados a lutar numa guerra nuclear. Essa probabilidade é a medida do dilema que nos depara e da situação de falência política e moral em que nos encontramos por causa da nossa inabilidade para inventar uma terceira alternativa. Penso ter ocorrido uma revolução, quiçá a primeira verdadeira revolução na política externa desde o princípio da História, através da introdução de armas nucleares no arsenal bélico, porquanto desde o início da História até o término da II Guerra Mundial existiu uma relação racional entre a violência como meio de política externa e os fins da política externa. Quer dizer, um estadista podia perguntar a si próprio se lhe era possível obter o que procurava para o seu país através de meios diplomáticos ou se teria de recorrer à guerra. Para, usar uma metáfora, o estadista na era pré-nuclear se encontrava em posição muito parecida com a de um jogador - um jogador razoável que deseja arriscar - certa fração de seus recursos materiais e humanos. Se ganhar sem risco